

## MANOEL DE BARROS

### A poesia manoelesca e a técnica psicanalítica

Manoel de Barros, escritor, poeta, e conhecedor dos sonhos da profundidade da natureza se faz ponto central de muitos estudiosos da literatura quanto a sua maneira peculiar de escrever, de se sonhar, de sonhar o mundo, e para tanto de se infiltrar nas mais vastas crateras do que está por dentro de si e pelo bojo do que é profícuo do que está ao redor do seu ser. Manoel se coloca num lugar onde para muitos soa desprovido de sentido de importância, lugar esse chamado de “lugar de ser inútil”. Diante de suas inutilidades geradas das atividades diárias, literárias, surgem juntamente com elas as poesias manoelescas com o seu mais alto preço de criatividade e beleza.

O poeta chama a atenção para o fato de que “é preciso transver o mundo” onde tal expressão além de acompanhar uma das suas convicções literárias, é também tema de um dos seus mais belos poemas. Partindo do ponto de vista de que a transvisão do mundo se faz pela capacidade de se sonhar e de sonhar aquilo que está por nossa volta, diante disso pode-se tentar uma interação entre essa bela ideia poética e a técnica psicanalítica ao que concerne a ideia do analista se sonhar, sonhar o mundo, e daí então sonhar junto com o analisando. Isso não implica ausência do analisando em se fazer do mesmo modo, como também não implica na ausência do fato de que ambos vão aprendendo com o tempo.

“ É preciso transver o mundo  
A expressão reta não sonha  
Não use o traço acostumado  
A força de um artista vem de suas derrotas  
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um  
formato de pássaro.  
Arte não tem pensa;  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação  
transvê.  
É preciso transver o mundo  
Isto seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:  
Tirar da natureza as naturalidades  
Fazer cavalo verde, por exemplo.  
Fazer noiva camponesa voar- como em Chagall.  
Agora é só puxar o alarme do silêncio que saio  
por aí  
a desformar.” - Manoel de Barros

As queixas surgem por conta do analisando, e este acredita que tudo que está sendo dito é de fato a elucidação dos conflitos que te perturbam, eis aí o grande momento para se pensar afetivamente a poesia ilustrada que dita uma visão que vai além do conhecido, que favoreça à investigação do que é profundo, do que não é naturalizado, do que se pensa que se é/já foi pensado, da natureza acomodada que cada indivíduo traz em si. A poesia manoelesca traz de uma maneira precisa e curiosa o olhar para com a natureza. O próprio Manoel de Barros em sua qualidade de poeta tenta incorporar como este mesmo diz a sua poesia, poesia essa que é a sua natureza de ser em metáforas profundas de atrevimento quanto ao mergulhar no próprio sonho de si e do mundo.

Para Manoel “a expressão reta não sonha”, assim como na técnica psicanalítica por meio da associação livre se percebe justamente as frases-curvas que a priori não parecem ser claras do ponto de vista da coerência, mas o sentido está presente, no sonho contado que se faz possível pela não linearidade do processo analítico, e inclusive da liberdade de vôo que a análise permite quanto ao analisando despertar as suas asas internas.

A “expressão reta” pode-se pensar nesse sentido como o concluído, o que não muda, o que não faz curva, o que não oscila. O que não oscila não traz nenhuma lembrança da vida, traz lembrança do que é seu oposto. Para tanto o sonho da dupla se dispersa, o analisando se tem resistente ao ponto de cortar o elo de ligação, o

desenvolvimento do processo analítico, e a esperança dentro de si mesmo quanto ao avanço para com as descobertas de seus conflitos, etc. No processo de análise a conclusão é empecilho, trata-se de uma limitação da associação livre, consequentemente afetando a posição analítica do analista em todos os sentidos. A análise é feita de verdades, de sonhos, de fantasia, de desejo, de emoções, de resistência (que se permita a continuidade analítica) e evidentemente pelo amor que deve surgir pela capacidade de despertar no mais profundo do íntimo aquilo que a priori se resumia em algo intocável por ser doloroso.

“A imaginação transvê”. O que se pode pensar disso? A transvisão do mundo pela linguagem do poeta por meios de tentativas hipotéticas podemos compreender como sendo uma dessas tentativas: O fato de que a imaginação seria o processo do que se entende por aquilo que se aproxima da “elaboração”, onde a transvisão seria justamente a elaboração em si. Ou seja, seria a capacidade de suportar o fato do novo, da oportunidade nova, do reconhecimento de que é preciso reparar como diz o próprio poeta no fato de que o chão, por exemplo, não serve apenas para ser pisado e servir como espaço de passagem, que uma cadeira, por exemplo, não serve apenas para sentar. Esse relato ganha vida quando o poeta nos diz que “as coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis”, colocando o ponto de vista de que as coisas ganham uma dimensão vital a ponto de questionarem o fato de não passarem pelo crivo do que é onírico, do crivo da invenção, da criação. Essa mesma ideia afetiva de criação, e de desformação do mundo para que o novo possa emergir, surge quando acrescenta que é preciso “tirar da natureza as naturalidades”: Aí se encontra um dos grandes desafios analíticos.

Nesse sentido é que o analista precisa estar bastante presente, no que se refere à retirada das naturalidades da natureza. Da natureza que é singular de cada um e que é apreendida por cada um posto que é de fora e de dentro. É preciso então desiludir aquilo que é tido como o óbvio, o claro, é preciso confrontar no melhor sentido desse termo, e sendo assim fazer sonhar, fazer

acontecer o espaço da criação que encontra o novo, que faz o indivíduo se encontrar com a sua própria natureza que é/foi por tanto tempo mascarada por aquilo que se tem como naturalizado. A capacidade de se “tirar da natureza as naturalidades” faz com que o sonho analítico seja o mais próximo da potencialidade do que é capaz de não distorcer e se chegar ao mais próximo do que se é autêntico, do que é habitante atuante do esconderijo do inconsciente, portanto, para se chegar a esse ponto de encontro com nossa própria natureza o poeta alerta: “Não use o traço acostumado”, é preciso desformar os hábitos, as forças contrárias ao tratamento analítico para que assim se possa alcançar a intenção que deve prevalecer: O desenvolvimento da análise.

É preciso cada um ser artista de seu próprio mundo, ou se quisermos, analistas de si mesmos, pelo menos é disso que se espera da análise a cada sessão realizada. Freud reconhecia nos artistas o valor da sabedoria da interioridade e da vida de modo geral, e assumiu que antes de ter chegado onde chegou, eles já haviam chegado. Manoel é um poeta que além de procurar compreender a natureza do ponto de vista poético, extremamente afetivo, traz uma ideia de que nós estamos dentro da natureza e que cada um possui uma própria natureza. E ao se permitir mergulhar no bojo de suas inquietações internas é que se pôde entender a importância de sonhar. Manoel se faz criança em seus escritos, se permite ser quem realmente é, voa profundo e diz:

“No começo era o verbo  
Só depois que veio o delírio de ser verbo  
O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a  
criança diz:  
Eu escuto a cor dos passarinhos  
A criança não sabe que o verbo escutar não  
funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo,  
ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta,  
que é voz de fazer renascimentos -  
O verbo tem que pegar delírio.”

Manoel brinca de fantasiar com as palavras, vai além, faz o verbo delirar, faz ressurgir a criança dentro de si para contar sobre a criança que “muda a função de um verbo” fazendo-o delirar. “A poesia serve para aumentar o mundo” diz o poeta, e na transvisão do mundo é que a invenção desse novo mundo pode acontecer. É preciso ter renascimentos/criações na análise para que os conteúdos internos sejam

motivos de insight. “É preciso desformar o mundo”, recusar o estático, fazer manobras com sonhos que vão além do que se vê. A poesia de Manoel recorre a traços da infância, recorre ao começo de tudo, para tanto por esse motivo também é que é possível se pensar psicanaliticamente. Afinal como diz o poeta: “Eu não caminho para o fim, caminho para as origens”.

*João Paulo Corumba*  
*Graduando em Psicologia pela UNIT*  
*jpcorumba@hotmail.com*  
*data de publicação: 17/07/2013*